

Apresentação | Dossiê

Ciência em tempos sombrios

Aline Pereira Lopes
Mestranda em História
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

A 42º edição da *Revista Temporalidades* foi construída com o objetivo de ter como tema central do Dossiê Temático *O conhecimento científico em tempos de Ditadura Militar*. No último dia 31 de março, o golpe político que iniciou o regime ditatorial no Brasil completou 61 anos e, mais uma vez, nos convidou a refletir sobre as forças com que a opressão política e ideológica se impõe de diferentes formas sobre a sociedade, inclusive sobre o saber científico. Dessa maneira, selecionamos trabalhos que se propuseram a discutir a temática da ditadura, sem deixar de lado a preocupação teórico e metodológica da produção historiográfica. Apesar de trazerem como tema central as disputas políticas da segunda metade do século XX, cada um deles contém uma contribuição única para o debate historiográfico. Dentre os 19 artigos desta edição, selecionamos cinco trabalhos para o Dossiê Temático “História, ciência e ditadura militar na América Latina”, não porque os demais trabalhos não atravessassem de forma indireta a temática do fazer histórico, mas porque decidimos que, neste momento, o recorte temporal das ditaduras militares que afigiram os países latinoamericanos no século XX era essencial.

Sendo assim, o primeiro artigo *O Mito do Progresso: O (des)balanço de ciências puras e aplicadas durante o regime militar* utiliza fontes oficiais como decretos, mensagens presidenciais, entrevistas e a revista Ciência Hoje para discutir as formas de opressão aplicadas durante a ditadura militar no Brasil ao ambiente universitário. Dessa maneira, o trabalho de Iandry Ferreira e Victor Hugo Silva de Paiva apresenta uma discussão consistente sobre o autoritarismo, a produção científica e as dificuldades enfrentadas pelas universidades na manutenção de suas pesquisas no período entre 1964 e 1985.

No segundo artigo, “*Formar, Cultivar e Disciplinar*”: a OSPB e os interesses político-econômicos da ditadura empresarial militar brasileira no ensino médio nas décadas de 1960 e 1970, Adson Rodrigo Silva Pinheiro e João Pedro Lopes de Lima trazem ao leitor uma rica discussão sobre o modelo educacional tecnicista,

discutindo o conceito de “ditadura empresarial-militar” e os impactos sociais que tais projetos tiveram na sociedade. Em seguida, apresentamos o artigo *“Nossa geração teve pouco tempo, começou pelo fim”: a escrita autobiográfica de Alfredo Sirkis a partir da anistia de 1979 e as memórias da guerrilha perdida*. Nele, o autor Caio Brito Barreira parte da discussão teórico-metodológico dos livros como documentos históricos de Roger Chartier e do conceito de “pacto autobiográfico” de Philippe Lejeune. Assim, utilizando as obras do autor, o trabalho historiciza o local da autobiografia na representação do passado e reflete sobre os processos de anistia e redemocratização na obra de Sirkis.

O quarto trabalho temático, de Nazaré Pereira, intitulado *A chegada do monetarismo ao Chile à elaboração da Constituição Chilena de 1980: a consolidação do Neoliberalismo* discute a aplicação da corrente monetária em larga escala, discutindo desde a chegada do pensamento teórico neoliberal no Chile até a Constituição de 1980. Assim, o trabalho permite entender como esse campo se colocou e continua se colocando econômica e socialmente diante da sociedade contemporânea. Encerrando as pesquisas que compõem o dossiê, Carlos André Silva de Moura e Karlla Karina Pereira Felix trazem o trabalho *“Pernambuco terá Comissão da Memória e Verdade”: debates sobre a ditadura civil-militar a partir da Comissão D. Helder Camara (2011-2018)* sobre entrevistas com membros da comissão da verdade do estado de Pernambuco, bem como o relatório e o Diário Oficial do estado. Em diálogo com essas fontes, a pesquisa analisa a cultura histórica, a violência institucional e a ditadura em Pernambuco.

Para além dos cinco artigos que fazem parte do nosso Dossiê “O conhecimento científico em tempos de Ditadura Militar”, trouxemos mais artigos livres, 1 resenha, 1 tradução livre e 1 entrevista que, juntos, compõem o restante da nossa edição e ajudam a construir a importante discussão que queríamos trazer em 2025: o papel político do historiador e a produção científica. Vivemos o avanço de ideologias ultra liberais no mundo e, de forma irremediável, elas vem impactando o cotidiano dos historiadores no mundo todo, nos fazendo pensar e repensar o nosso trabalho. Nesse sentido, a análise dos trabalhos proporciona uma problematização metodológica e conceitual do papel do historiador e da historiografia na sociedade brasileira.